

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
CARTA BRANCA A JOÃO BOTELHO
5 de setembro de 2022

THE NAVIGATOR / 1924

(O Navegante)

um filme de Buster Keaton e Donald Crisp

Realização: Donald Crisp e Buster Keaton / **Argumento:** Clyde Bruckman, Jean Hacey, Joseph Mitchell / **Fotografia:** Byron Houck, Elgin Lessley / **Montagem:** Buster Keaton / **Intérpretes:** Buster Keaton (Rollo Treadway), Kathryn McGuire (Betsy O'Brien), Frederick Vroom (John O'Brien), Clarence Burton, H.N. Clugston, Noble Johnson.

Produção: Joseph M. Schenck e Buster Keaton / **Cópia:** 35 mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em francês e legendas eletrônicas em português, 60 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 13 de Outubro de 1924 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 29 de Novembro de 1926.

Aviso: A cópia que vamos exibir apresenta, nos últimos minutos do filme, alguns planos desquadrados que não é possível corrigir em projeção. Pelo facto, as nossas desculpas.

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo

The Navigator foi sempre um dos filmes favoritos de Buster Keaton, ao lado de **The General**, o que é bastante sugestivo da ideia que o autor tinha do seu trabalho. Não se trata apenas da perfeição mecânica da construção dos gags, trabalhados até à exaustão e que se vai impondo desde as suas curtas-metragens, e que alguns críticos e historiadores tendem a utilizar como argumento quando se trata de confrontar Keaton com Chaplin, secundarizando o primeiro. O "salto" que **The Navigator** representa, e o coloca muito justamente ao lado de **The General**, é que em ambos os filmes tudo centra em volta de um "objecto": o barco no primeiro, a locomotiva no segundo.

A génese de **The Navigator** é, aliás, bastante sugestiva. O seu ponto de partida não foi, como habitualmente, uma "ideia qualquer", mas sim, pura e simplesmente, um "objecto", o paquete, o "Navigator", cujo verdadeiro nome era "Buford", descoberto por puro acaso. Tudo começou quando Fred Gabourie descobriu acidentalmente o "Buford" quando procurava velhos veleiros a fim de integrarem uma nova produção da MGM, **The Sea Hawk/A Águia dos Mares**, de Frank Lloyd. Gabourie, lembrando-se da curta-metragem de Keaton, **The Boat**, resolveu telefonar ao realizador a dar-lhe notícia da descoberta. Keaton imediatamente telegrafou aos proprietários para alugar ou comprar o "Buford" que estava destinado a ser desmantelado. Foi, portanto, a partir de um "cenário" comprado sem qualquer ideia pré-concebida, apenas pelo "instinto", que depois se construiu o argumento para o filme.

O argumento de **The Navigator** é um dos mais "simples" de Buster Keaton. Tudo se constrói à volta do barco e tendo-o como "objecto" sempre presente. Além do barco apenas duas personagens, Rollo Treadway (Keaton) e Betsy O'Brien (Kathryn McGuire). Todos os outros são

meras peças secundárias que servem para “empurrar” a acção ao começo e para lhe dar um remate no final. Entre as duas sequências temos uma prodigiosa acumulação de gags que Keaton trabalha segundo uma mecânica implacável, centrados exclusivamente nas relações do par e dos seus “conflitos” com o barco. Trata-se, em ambos os casos, de uma “aprendizagem”, feita a pouco e pouco e que lhe permite acabar por “dominar” o objecto. Mas, como sempre, se Keaton acaba por controlá-lo, este acaba sempre também, por fugir ao seu controle.

A intriga é, pois, quase inexistente, e as indicações que aparecem têm apenas a função de esclarecer um determinado facto e não de servirem a intriga. A legenda inicial diz-nos que numa cidade americana na costa ocidental é campo de confronto entre dois “grupos” ou “companhias” que se dedicam ao tráfico e transporte marítimo, e que a compra do “Navigator” vem desequilibrar a luta em favor de um dos grupos, pelo que o outro, de que faz parte o pai de Betsy, resolve sabotá-lo, lançando-o à deriva durante a noite. Entra depois em cena Rollo Treadway, milionário desocupado e enfasiado que, de um momento para o outro, resolve casar. O desenrolar da história mostra que o primeiro caso apenas funciona como forma de colocar o par lado a lado, desaparecendo de imediato da acção. Ao contrário de outros filmes de Keaton (**Steamboat Bill Jr.**, por exemplo), a rivalidade dos dois grupos não interessa para nada (aliás nunca sabemos, sequer, quem forma o grupo rival, e Rollo nada tem a ver com o assunto). Rollo que comprara bilhetes para a lua-de-mel falhada (Betsy responde negativamente), parte sozinho, mas engana-se no cais, num gag típico de Keaton (o portão é movido e oculta um dos números), enquanto, Betsy ouvindo gritos de socorro do pai, que fora atacado, entra no barco, quando este é desamarrado. E eis os dois à deriva, mas sem terem, ainda, conhecimento um do outro. A entrada em cena de Keaton, ao começo, é típica das suas outras criações, com a sua ironia no tratamento das classes abastadas. Rollo, quando se resolve ir pedir Betsy em casamento, sai de casa, entra no carro, o motorista dá a volta para o outro lado da rua e Rollo desce: Betsy morava exactamente em frente dele! Depois da recusa, acabrunhado, Rollo, sai de casa dela e diz ao motorista que precisa de dar um passeio a pé: passeio que se limita a... atravessar a rua, regressando a casa!

No barco começa então o “confronto” de Keaton com o “objecto”, que parece tomar “vida” em certos momentos: as portas que se movem numa simetria perfeita, por exemplo, e a “coreografia” de movimentos de Rollo e Betsy, ouvindo os ruídos um do outro e tentando encontrarem-se. Um outro gag, mas este de “citação”, tem lugar quando Betsy entra num camarote e encontra uma fotografia na mesa que parece representar o proprietário, que é, nem mais nem menos, do que a de Donald Crisp (o famoso actor de **Broken Blossoms**, de Griffith, aqui na função de co-realizador, e que utiliza esta fórmula para “aparecer” no filme, que lembra a que Hitchcock usará para “aparecer” em **Lifeboat** e **Dial M For Murder**). A sobrevivência do par (outra forma de aprendizagem, para quem nunca tinha trabalhado na vida: a “ignorância” de Betsy serve de pretexto para outro gag: quando Rollo procura chamar a atenção de outro barco que passa com uma bandeira, Betsy dá-lhe uma amarela, a pretexto de ser mais bonita, ignorando que içava o sinal de quarentena, o que levou ao afastamento do desejado socorro) é outra prodigiosa fonte de gags, em particular na preparação da refeição, com o famoso gag dos ovos cozidos na gigantesca panela. Mais tarde, a salvação parece surgir com a descoberta de uma ilha, que se revela um “ninho” de selvagens. A trapalhada do lançamento da âncora fornece outra série de gags, com Rollo tentando libertar o leme mergulhando com um escafandro (que acaba por servir, também, de barco pneumático!!!) e usando o que está à mão (o peixe-serra!!!) para o trabalho.

A conclusão é também uma das mais inesperadas da obra de Keaton, com a fuga do par do barco, ocupado pelos selvagens e preparando-se para ir ao fundo, abraçados um ao outro. O inesperado “deus ex-machina” é, nem mais nem menos do que um submarino, cujo interior vai ser ainda, pretexto para outro notável momento de comédia.

Manuel Cintra Ferreira